

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br





Sumário

Prefácio à nova edição	7
Introdução	9
O fracasso da/na escola	13
Uma escola para o povo ou contra o povo?	13
Uma primeira explicação: a ideologia do dom	17
Uma segunda explicação: a ideologia da deficiência cultural... ..	19
Uma terceira explicação: a ideologia das diferenças culturais... ..	23
O papel da linguagem	25
Deficiência linguística?	29
A patologização da pobreza	29
A hipótese da deficiência linguística	33
A involuntária colaboração de Bernstein	35
Educação compensatória: a lógica e o fracasso das soluções	47

Diferença não é deficiência.....	59
O mito da deficiência linguística.....	59
Preconceito linguístico e fracasso escolar	62
A decisiva contribuição de Labov.....	67
A solução: um bidialetalismo funcional.....	76
Na escola, diferença é deficiência.....	83
Deficiência, diferença ou opressão?.....	83
Bourdieu e a economia das trocas linguísticas.....	87
O capital linguístico escolarmente rentável.....	94
A solução não está na escola	100
Que pode fazer a escola?	103
As respostas das três teorias	103
Fracasso da escola.....	106
A escola redentora.....	108
A escola impotente.....	111
Por uma escola transformadora	113
Um bidialetalismo para a transformação.....	117
Glossário	125
Bibliografia comentada	141
A autora.....	159



Introdução

Este livro pretende analisar as relações entre linguagem e escola, tendo como principal foco de interesse a contribuição dessa análise para a compreensão do problema da educação das **camadas populares*** no Brasil.

Quando se considera que as camadas populares constituem a grande maioria da população brasileira – em 2015, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 66% da população economicamente ativa (excluída, pois, a população desempregada, que, nesse mesmo ano, atingiu taxa

* O negrito indica palavras ou expressões presentes no “Glossário”, onde é esclarecido o sentido que lhes é atribuído neste livro. O negrito é usado apenas na primeira vez em que a palavra ou expressão incluída no “Glossário” aparece no texto.

de quase 10%) recebia apenas até dois salários mínimos, e cerca de 80% situava-se na faixa de não mais que até cinco salários mínimos –, pode-se concluir que a escola brasileira é, fundamentalmente, uma escola para o povo.

Entretanto, essa escola para o povo é, ainda, extremamente insatisfatória. Do ponto de vista *quantitativo*, é possível reconhecer que, pelo menos no que se refere ao ensino fundamental, a quase totalidade das crianças das camadas populares conquistaram, nas últimas décadas, seu lugar nas salas de aula, e o acesso à educação infantil e ao ensino médio vem crescendo; ao contrário, do ponto de vista *qualitativo*, ainda é negado a crianças e jovens o *direito de aprender*, finalidade primordial da escola, imprescindível à conquista da cidadania plena. Assim, se já se pode dizer que temos escola para todos, a escola que temos é antes *contra* o povo que *para* o povo: o **fracasso escolar** dos alunos pertencentes às camadas populares mostra que, se vem ocorrendo uma progressiva democratização do *acesso à escola*, não tem igualmente ocorrido a democratização *da escola*. Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las.

Muitos são os fatores responsáveis por essa incompetência, mas parte significativa da responsabilidade deve ser atribuída a problemas de linguagem: o conflito entre a linguagem de uma escola histórica e socialmente criada para atender às **camadas privilegiadas**, cujos padrões linguísticos essa escola usa e quer ver usados, e a linguagem das camadas populares, que ela censura

e estigmatiza, é uma das principais causas do fracasso dos alunos pertencentes a camadas populares, na aquisição do saber escolar.

Esse conflito só pode ser compreendido numa perspectiva social: é a Sociologia que, analisando as relações materiais e simbólicas em uma sociedade dividida em **classes sociais**, desvenda os pressupostos do fracasso das camadas populares na escola, que é, na verdade, um fracasso *da* escola; é a **Sociologia da Linguagem** que, interpretando as condições sociais da comunicação, explica as relações de comunicação linguística que atuam na sociedade e, conseqüentemente, na escola; é a **Sociolinguística** que, revelando a covariação entre os fenômenos linguísticos e os fenômenos sociais, identifica diferenças linguísticas determinadas pela classe social do falante, diferenças que, hoje, geram antagonismos numa escola conquistada, através da democratização do ensino, por classes sociais anteriormente dela ausentes.

No entanto, a prática pedagógica na escola brasileira, em todas as matérias e, particularmente, no ensino da língua materna, tem sido dissociada de suas determinações sociais e sociolinguísticas; ora, ao lado da também indispensável perspectiva psicolinguística, a perspectiva social – resultado da contribuição integrada e articulada da Sociologia, da Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística – é indispensável a uma prática de ensino que, fundamentando-se em conhecimentos sobre as relações entre linguagem, sociedade e escola, e revelando os pressupostos sociais e linguísticos dessas relações, seja realmente competente e comprometida com a luta contra as desigualdades sociais.

É essa perspectiva social das relações entre linguagem e escola que este livro pretende desenvolver. A partir da descrição do

problema do baixo rendimento da escola brasileira e da crítica às ideologias que inspiram as teorias e propostas pedagógicas com que se tem tentado explicá-lo e combatê-lo, o livro procura articular e integrar teorias originárias da Sociologia, da Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística a respeito das relações entre sociedade, escola e linguagem, e tenta apontar a importante contribuição que essa articulação e essa integração podem trazer para a compreensão do caráter político-ideológico do uso e do ensino da língua na escola, e para a fundamentação de uma prática de ensino competente, na educação das camadas populares.